



GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO (1997-2021)¹

Aila Oliveira Valadares [*]; Tatiana Polliana Pinto de Lima [**];

No presente estudo bibliográfico buscamos compreender como tem se dado a formação de professoras/es de Educação Física para as questões de gênero e sexualidade a partir de artigos, teses e dissertações disponíveis no portal da CAPES, no recorte temporal de 1997-2021. Definindo a busca pelos descritores gênero, sexualidade e Educação Física, foram selecionados dez artigos, sete dissertações e três teses. Foi possível identificar que as discussões sobre a temática são escassas. Conclui-se que poucos cursos especificam o trato de gênero e sexualidade em seus planos de curso, levando as(os) futuras(os) professoras(es) de Educação Física a se sentirem despreparadas(os) para tratar do tema nas escolas. Além disso, surgiram relatos de sexismo, homofobia e transfobia dentro das instituições, evidenciando um ciclo vicioso de reprodução de opressões. Algumas sugestões para superar essa realidade são apresentadas, como a inclusão da temática nos documentos oficiais dos cursos e atividades de estágio e residência pedagógica.

Palavras-chave: Educação Física. Gênero. Sexualidade.

GENDER AND SEXUALITY IN THE TRAINING OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS: A BIBLIOGRAPHIC STUDY (1997-2021)

ABSTRACT

In the present bibliographic study, we seek to understand how the training of Physical Education teachers regarding gender and sexuality issues has been conducted, based on articles, theses, and dissertations available on the CAPES portal, covering the period from 1997 to 2021. Defining the search using the descriptors gender, sexuality, and Physical Education, ten articles, seven dissertations, and three theses were selected. It was possible to identify that discussions on the topic are scarce. It is concluded that few courses specify the treatment of gender and sexuality in their course plans, leading future Physical Education teachers to feel unprepared to address the topic in schools. Additionally, reports of sexism, homophobia, and transphobia within institutions emerged, highlighting a vicious cycle of oppression. Some suggestions to overcome this reality are presented, such as the inclusion of the theme in the official course documents and pedagogical internship and residency activities.

Keywords: Physical Education. Gender. Sexuality.

¹ Artigo oriundo de dissertação de mestrado.



GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO DE EDUCACIÓN FÍSICA: UN ESTUDIO BIBLIOGRAFICO (1997-2021)

RESUMEN

En el presente estudio bibliográfico, buscamos comprender cómo se ha llevado a cabo la formación de profesores de Educación Física en cuanto a cuestiones de género y sexualidad, a partir de artículos, tesis y disertaciones disponibles en el portal de CAPES, en el periodo de 1997 a 2021. Definiendo la búsqueda mediante los descriptores género, sexualidad y Educación Física, se seleccionaron diez artículos, siete disertaciones y tres tesis. Se pudo identificar que las discusiones sobre el tema son escasas. Se concluye que pocos cursos especifican el tratamiento del género y la sexualidad en sus planes de estudio, llevando a los futuros profesores de Educación Física a sentirse despreparados para abordar el tema en las escuelas. Además, surgieron relatos de sexismo, homofobia y transfobia dentro de las instituciones, evidenciando un ciclo vicioso de reproducción de opresiones. Se presentan algunas sugerencias para superar esta realidad, como la inclusión del tema en los documentos oficiales de los cursos y en las actividades de prácticas y residencia pedagógica.

Palabras clave: Educación Física. Género. Sexualidad.

INTRODUÇÃO

Muitos desafios perpassam o fazer pedagógico da Educação Física (EF) escolar. Dentre esses desafios, está o necessário compromisso com uma prática inclusiva, que valorize a diversidade, combata o preconceito e faça enfrentamento a todo tipo de discriminação na escola. No entanto, a EF ainda tem sido, por muitas vezes, ambiente de preconceito e atitudes discriminatórias relacionadas a estereótipos de gênero e sexualidade. Discutir essa realidade se faz especialmente necessário, uma vez que, se comparada aos outros componentes curriculares, a conformidade – ou não – com as hegemônicas expectativas de gênero e sexualidade são postas em evidência diante do foco maior nas questões corporais que a EF costuma ter.

Para uma melhor compreensão a respeito do que se espera da EF escolar na atualidade, consideramos importante relembrar brevemente o percurso histórico da instituição da EF nas escolas brasileiras como disciplina escolar, especialmente a respeito de qual foi e qual tem sido seu papel.



Para Soares *et al.* (2014), o surgimento do que hoje chamamos de Educação Física (EF) se deu na Europa, a partir de uma necessidade que emergiu ao final do século XVIII, com a consolidação da sociedade capitalista. Nesse momento histórico, era preciso formar homens mais fortes, ágeis e eficientes para trabalhar nas fábricas e gerar lucro. Diante desse contexto, os cuidados físicos passaram a ter maior importância e tinham um caráter controlador e higienista sobre os corpos, em que se dava ênfase à higiene e aos exercícios físicos como promotores de saúde, o que possibilitava o fortalecimento dos indivíduos que viriam contribuir, através do trabalho, com a pátria e com o exército (Soares *et al.*, 2014).

Essa lógica foi, posteriormente, incluída nos currículos escolares através dos métodos ginásticos ministrados por instrutores físicos militares. “Constrói-se, nesse sentido, um projeto de homem disciplinado, obediente, submisso, profundo respeitador da hierarquia social” (Soares *et al.*, 2014, p. 53).

Segundo Castellani Filho (1988), por ter chegado ao Brasil no início do século XX com esse viés militarizado importado da Europa, a história da Educação Física brasileira se confundia com a dos militares. Porém, o discurso da EF como promotora da saúde dentro das escolas foi incorporado pelos eugenistas que buscavam criar seres humanos considerados superiores.

Destinava-se, portanto, à Educação Física, nessa questão da eugenia da raça, um papel preponderante. O raciocínio era simples: mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem e construir a Pátria, no caso dos homens, e se tornarem mães robustas, no caso das mulheres (Castellani Filho, 1988, p. 43).

Nota-se que, nesse momento, o papel da mulher na sociedade era diretamente associado à maternidade e a EF passa a contribuir para a naturalização de aspectos considerados femininos, como passividade, obediência, fragilidade e inferioridade física em relação ao homem. Ao ponto de práticas esportivas precisarem ser consideradas compatíveis com o universo feminino para que elas tivessem permissão para realizá-las. No final da ditadura militar do Brasil, o propósito da EF na escola se altera mais uma vez, passando a ser influenciada pela lógica e códigos vindos do esporte.

Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc. (Soares *et al.*, 2014, p. 53-54).



Analisando esse percurso histórico da EF, passando pelo higienismo, militarismo, eugenismo e pela tendência esportivista, percebe-se a intenção que vinha incutida na EF que é denunciada pelo seu próprio nome: educar o físico dos sujeitos. Trazendo o debate para a atualidade, devemos considerar que o físico vem sendo tomado como parâmetro por aqueles que buscam educá-lo. Segundo apontam os estudos culturais e feministas, o parâmetro idealizado pela sociedade atual é o homem cisgênero, branco e heterossexual (Louro, 1997; Scott, 1995).

Assim, levando em conta o esforço historicamente empregado para produzir os corpos da Educação Física, tidos como ideais, é preciso que estejamos atentos, dentro do paradigma atual, para que não sigamos reproduzindo essa ideia, e que possamos respeitar, acolher e dar possibilidades a todos os corpos na EF. Para isso é preciso abraçar a diversidade, incluir a multiplicidade de identidades e rejeitar a ideia de um modelo único a ser seguido. Frente a essa preocupação, consideramos imprescindível que prestemos atenção nas práticas da EF escolar diante da diversidade de gênero e sexualidade.

Nas últimas décadas, tem crescido a preocupação com as questões de gênero e sexualidade na educação. Louro (1997) aponta a escola enquanto espaço de produção e reprodução do discurso que institui as desigualdades de gênero e, dentro dessa realidade, a aula de Educação Física é reconhecida pela autora como um lugar em que esse discurso se evidencia de forma mais nítida. Além das questões de gênero, ela afirma que nas aulas de EF também surge uma preocupação especial a respeito da sexualidade. Para a autora, “ainda que tal preocupação esteja presente em todas as situações escolares, talvez ela se torne particularmente explícita numa área que está, constantemente, voltada para o domínio do corpo” (Louro, 1997, p. 78).

Dentro das discussões e teorizações da EF, os estudos a respeito de gênero e sexualidade surgem entre o final da década de 1980 e início dos anos 1990 (Devide; Correia; Murad, 2017; Sabatel, 2016). Esses estudos se mostram fundamentais para a EF escolar, uma vez que diversos trabalhos evidenciam problemas encontrados nas aulas, bem como a falta de preparo dos professores de EF para lidar com essas questões (Monteiro, 2017).

Conteúdos estereotipados (Altmann, 1998; Altmann, 2016; Monteiro, 2017), distinção no tratamento dado a meninos e meninas (Matos *et al.*, 2016; Dornelles, 2012; Corsino; Auad,



2014), reprodução de discurso homofóbico (Prado; Ribeiro, 2016; Prado, 2017) e transfobia (Wenetz *et al.*, 2017; Franco, 2016), são algumas questões que, apesar de já estarem sendo estudadas, ainda não foram superadas e continuam acontecendo nas escolas.

E é pensando na superação desses paradigmas que nos propomos a refletir sobre a formação inicial dos professores de EF. Apesar de compreender a formação docente como um processo que deve ser contínuo e que não se encerra na colação de grau, diante da emergência em enfrentar os mecanismos discriminatórios presentes nas aulas de EF, concordamos com os autores Correia, Devidé e Murad (2017), quando eles afirmam que não promover discussões sobre gênero e sexualidade na graduação traz um impacto negativo na formação dos futuros professores de EF.

Diante disso, entendendo a formação inicial enquanto espaço de fundamental importância para a superação desse paradigma, temos como objetivo central: compreender como as questões de gênero e sexualidade são tratadas nos cursos de EF. Por isso, o presente artigo busca fazer um estudo bibliográfico visando identificar o que tem sido produzido a respeito das questões de gênero e sexualidade na EF, principalmente no âmbito da formação de professores.

Abaixo, na seção “O caminhar da pesquisa”, apresentamos os métodos utilizados para seleção e análise dos artigos, dissertações e teses que fizeram parte do presente estudo. O material selecionado está dividido, organizado e apresentado em quadros. Em seguida, em “Observações, ideias e concepções que emergem no diálogo com as produções”, discutimos a escassa produção sobre a temática e o entendimento a respeito de gênero e sexualidade que as obras apresentaram, dialogando com os conceitos de identidade e heteronormatividade que emergiram nas análises. Em “Gênero e sexualidade na formação de professores de Educação Física”, reunimos e dialogamos com as pesquisas que relatam como tem se dado a formação de professores de Educação Física para as questões de gênero e sexualidade, seguida da seção “Caminhos para superação”, na qual agrupamos e discutimos as sugestões encontradas para a melhoria do paradigma observado. Por fim, apresentamos nossas conclusões em “Por ora, algumas conclusões”.

O CAMINHAR DA PESQUISA



Para fazer o levantamento do material a ser estudado, foi feita a busca no portal da CAPES, tanto no banco de teses e dissertações, quanto no portal de periódicos. Em ambos os buscadores, foram pesquisados os descritores: “Educação Física”, “gênero” e “sexualidade”, dentro de uma janela temporal de 1997 até 2021.

Em seguida, os títulos e os resumos dos trabalhos foram lidos a fim de selecionar aqueles que contemplassem a temática da discussão proposta. Para isso, foram definidos os seguintes critérios de inclusão: trabalhos que estejam dentro do recorte temporal e que tratem de gênero e/ou sexualidade no trato da Educação Física. Por outro lado, trabalhos que tinham como objeto de estudo as questões de gênero e sexualidade em outra área do conhecimento, que não a Educação Física, não foram incluídos.

Na primeira seleção do material, a amostra foi composta de 34 artigos, 59 dissertações e 6 teses. Fazendo mais um recorte temático, ao buscar identificar os artigos, teses e dissertações que fizessem a discussão no âmbito do ensino superior, a amostra foi composta por 10 artigos, 11 dissertações e 3 teses. No entanto, 4 dissertações não disponibilizaram o texto completo, impossibilitando sua análise. Dessa maneira, a amostra final contou com 10 artigos, 7 dissertações e 3 teses, que se encontram listados nas tabelas abaixo. Duas das 10 dissertações foram publicadas em formato de artigo e constam em ambos os quadros.

Quadro 1: Relação de artigos selecionados

Nº	Título	Autoras(es)	Ano	Revista - Qualis
1	O discurso sobre a homossexualidade na visão de estudantes de Educação Física	Francis Madlener de Lima ; Nilson Fernandes Dinis	2008	Perspectiva – Qualis A2
2	Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (UFSM)	Andres, Suélen de Souza ; Jaeger, Angelita Alice ; Goellner, Silvana Vilodre	2015	Revista da Educação Física/UEM - Qualis B2
3	As relações de gênero no corpo: olhares de estudantes de licenciatura em Educação Física	Evangelista, Kelly Cristiny Martins; Baptista, Tadeu João Ribeiro	2017	Revista Inter Ação – Qualis A2
4	Gênero, educação em sexualidade e formação docente: descortinando o curso de Educação Física da	Luciano Rodrigues dos Santos	2017	Revista Docência do Ensino Superior –



	Universidade Federal de Sergipe			Qualis A4
5	Corpo, gênero, sexualidade, raça e etnia nos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Pampa	Damacena, Carla Adriane Marcelino; Soares, Emerson de Lima; Silva, Fabiane Ferreira da	2017	Atos de Pesquisa em Educação – Qualis A3
6	Sexualidade e gênero nos cursos de formação docente: utilizando a oficina enquanto recurso didático	Maria Saete Zufelato Vencel; Rita de Cássia Petrenas	2019	Olhar de Professor – Qualis B1
7	Gênero, sexualidade e educação física: formação e prática docente	Freitas, Milena De Bem Zavanella; Souza Junior, Osmar Moreira de	2020	MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana – Qualis B1
8	A formação de futur@s professor@s de Educação Física: reflexões sobre gênero e sexualidade	Vasconcelos, Camila Midori Takemoto; Ferreira, Lílian Aparecida	2020	Educação em Revista – Qualis A1
9	Gênero, sexualidade e formação em Educação Física: percepções de professores e alunos em um projeto na escola	Oliveira Duarte de, Gustavo; Castro, Felipe Barroso de; Bonaldo do Nascimento, Thaiane	2021	Educación Física y Ciencia – Qualis B2
10	Masculinidades e a formação de professores/as de Educação Física na EEFD/UFRJ	Rafael Marques Garcia; Erik Giuseppe Barbosa Pereira	2021	Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis – Qualis B1

Fonte: Fonte: Elaboração das autoras com base no portal de periódicos da CAPES.

Quadro 2: Relação de dissertações selecionadas

Nº	Autor(a) e Título	Ano	Programa e Instituição
1	ROSA, Marcelo Victor da. Educação Física e homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos / UFSC .	2004	Mestrado em Educação Física - Universidade Federal de Santa Catarina
2	LIMA, Francis Madlener de. O discurso da homossexualidade no universo escolar: um estudo no curso de licenciatura em Educação Física .	2006	Mestrado em Educação - Universidade Federal do Paraná
3	SILVA, Lucilene Gomes da. Mulher - esporte- emancipação: discurso de professores e acadêmicos do curso de educação física da UNIRG-TO .	2008	Mestrado em Educação Física - Universidade Metodista de Piracicaba



4	SOUZA, Denis Mauro Rodrigues de. Professores de Educação Física em Formação – corpo, relações de gênero e sexualidades.	2013	Mestrado em Educação - Universidade Federal de Juiz de Fora
5	GATTI, Brenda Zarelli. PIBID de educação física/UEM: gênero em debate na formação de professoras/es.	2017	Mestrado em Educação - Universidade Estadual de Maringá
6	BITTENCOURT, Daniella Rocha. Relação de gênero na formação de professores(as) de Educação Física: entre o Binarismo e a Equidade.	2019	Mestrado em Educação - Universidade do Estado do Pará
7	LEITE, Marcelo Alencar. Corpo e gênero no curso de licenciatura em Educação Física do IFCE, campus Limoeiro do Norte: discussão sobre o processo formativo dos discentes.	2020	Mestrado em Educação - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Fonte: Elaboração das autoras com base no catálogo de teses e dissertações da CAPES.

Quadro 3: Relação de teses selecionadas

Nº	Título	Ano	Programa e Instituição
1	SANTOS, Luciene Neves. Currículo de licenciatura em educação física e políticas educacionais de gênero e de diversidade sexual: articulações (im)possíveis.	2014	Doutorado em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
2	SANTOS, Luciano Rodrigues dos. Gênero, educação em sexualidade e formação docente: descortinando o curso de Educação Física da universidade federal de Sergipe.	2016	Doutorado em Educação - Fundação Universidade Federal de Sergipe
3	ZUZZI, Renata Pascoti. Gênero na formação de professores/as de Educação Física: da escolha à atuação profissional.	2016	Doutorado em Educação - Universidade Estadual de Campinas

Fonte: Elaboração das autoras com base no catálogo de teses e dissertações da CAPES.

Enquanto técnica de análise, utilizamos a análise categorial temática a partir de Bardin (2011). Os dados foram organizados e classificados após uma busca inicial pelas unidades de registro: gênero e/ou sexualidade, seguida da separação das unidades de contexto em que tais unidades de registro surgiram. Por fim, as unidades foram agrupadas buscando identificar as concepções de gênero e sexualidade em que os trabalhos se baseiam, o que tem se dito a respeito da formação sobre gênero e/ou sexualidade oferecida aos estudantes de Educação Física e as possíveis propostas de ação/intervenção na formação dessas(es) professoras(es).



AS PRODUÇÕES

O primeiro ponto que chamou atenção ao selecionar e reunir o material a ser analisado foi a quantidade de produções acerca da temática. Considerando o recorte temporal utilizado (1997-2021), esperava-se um quantitativo mais extenso de publicações. No entanto, os primeiros trabalhos foram aparecendo timidamente a partir de 2004, com a dissertação de Rosa (2004) e o artigo de Lima e Dinis (2008).

Tal escassez também pôde ser observada no estudo realizado por Gurgel e Maknamara (2020), que, ao analisar textos apresentados nas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) no período de 1994 a 2015, tratando das questões de corpo, gênero e sexualidade na formação de professoras(es), identificaram que apenas três destes eram da área de Educação Física.

O quantitativo do material que selecionamos também é contrastante se comparado com a quantidade total de produções que tratam de gênero e sexualidade, já que dos 99 trabalhos encontrados, apenas 20 tratam da formação de professores de Educação Física, enquanto os outros 79 versam sobre questões de gênero e sexualidade na Educação Física escolar.

Nota-se, portanto, que há certa preocupação a respeito dessas discussões no ensino básico, mas uma carência de estudos e proposições com foco na formação inicial e/ou continuada desses que atuam ou que irão atuar nessas escolas. Essa contradição demonstra uma lacuna nos estudos da área, uma vez que pensar a formação de professores é parte fundamental dos projetos que visam mudanças no cotidiano escolar.

Dentre o material selecionado, o entendimento de gênero e sexualidade encontrado nas produções foi bastante homogêneo. Tanto as concepções apresentadas quanto a utilização das(os) principais autoras(as) que discutem a temática foram bastante próximas e demonstram alguns consensos que fundamentam os debates, mesmo entre trabalhos com pressupostos epistemológicos distintos. Em todos os artigos, teses e dissertações analisadas, gênero é entendido como uma construção social. Tendo sido o conceito criado pelo movimento feminista por volta dos anos 1970 para distinguir as diferenças de sexo das expectativas desiguais entre o que era esperado do ser homem e ser mulher. Essa concepção pode ser observada nos excertos a seguir



Masculino e feminino são construções sociais conflituosas marcadas por uma relação de forças que hierarquiza os sujeitos e os coloca em posições mais ou menos prestigiadas, no caso da nossa sociedade, por muito tempo e até hoje ainda há uma forte concepção de que o homem é por natureza superior a mulher (Bittencourt, 2019, p. 52).

O conceito de gênero pretende, então, descortinar as diferenças entre os sexos, dadas e ancoradas como desigualdades. Nessa relação, a cultura ocidental, partindo de uma visão androcêntrica de mundo, da ideologia patriarcal e do pensamento dicotômico, tratou de fortalecer um binarismo antagônico que sobrepõe um dos lados em detrimento do outro. Nessa divisão, o lado no qual se encontra o ser humano do sexo masculino é o mais valorizado, sendo, assim, considerado como uma base universal para os demais seres humanos (Zuzzi, 2016, p. 48-49).

Essa diferenciação de papéis foi (e ainda é) naturalizada e utilizada para justificar a subalternização das mulheres nos arranjos sociais. A ideia de naturalização também é recorrente nos trabalhos analisados e diz respeito ao entendimento de que as diferenças sociais entre os sexos seriam naturais e, portanto, não deveriam ser questionadas. A esse respeito, Leite (2020) afirma que

a diferenciação das capacidades dos homens e mulheres não é natural, biológica, mas sim uma construção cultural com forte influência do meio social que determinava os costumes a serem seguidos e a manutenção dos status sociais existentes (p. 116).

Esse entendimento a respeito de gênero foi sustentado, principalmente, a partir de duas autoras: Guacira Lopes Louro e Joan Scott. Louro foi citada em todos os artigos e em 9 das 10 teses e dissertações analisadas, tendo sido Silva (2008) a exceção. Já Joan Scott também foi citada em 9 das 10 dissertações, com Lima (2006) sendo a exceção, e citada em 3 artigos: Santos (2017); Freitas e Junior (2020) e Duarte, Castro e Nascimento (2020).

Joan Scott trouxe grande contribuição aos estudos sobre gênero, sobretudo com seu texto *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, publicado em 1995. Já a contribuição de Guacira Lopes Louro se dá nas discussões de gênero e sexualidade à luz do pós-estruturalismo.

A perspectiva pós-estruturalista tem Foucault como um de seus principais pensadores, autor este que também foi frequentemente citado nos trabalhos analisados. Das teses e dissertações analisadas, 8 das 10 citaram Foucault pelo menos uma vez, enquanto 3 artigos o citaram, sendo: Lima e Dinis (2008); Damacena, Soares e Silva (2017) e Santos (2017). Duarte, Castro e Nascimento (2020) afirmam que seu estudo se filia à corrente



pós-estruturalista francesa, menciona Foucault como uma das principais referências da corrente, mas não o cita no trabalho em questão.

A respeito do entendimento sobre sexualidade, a concepção adotada é a de que a sexualidade se insere no campo dos prazeres, desejos, valores e sentimentos, estando relacionada a questões históricas, sociais e culturais (Rosa, 2004; Lima, 2006; Souza, 2013; Santos, 2014; Santos, 2016; Lima; Dinis, 2008; Andres, Jaeger; Goellner, 2015; Damacena, Soares; Silva, 2017; Freitas; Souza Junior, 2020; Vasconcelos; Ferreira, 2020).

As especificidades do entendimento sobre a sexualidade com base no pensamento foucaultiano podem ser percebidas nos seguintes trechos: “Os corpos ganham sentido pelo social e nele se insere a sexualidade com marcas da cultura expressando desejos e prazeres” (Souza, 2013, p. 76), e em Lima (2006), que afirma: “Por dispositivo da sexualidade, entendem-se práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer 'verdades' a respeito do corpo e seus prazeres” (p. 23).

As discussões a respeito de gênero e sexualidade fizeram emergir alguns outros conceitos que considero relevantes para o debate: o conceito de identidade e de heteronormatividade. A identidade é discutida, principalmente, com base nos estudos de Stuart Hall, que traz uma ideia menos engessada da constituição das identidades, em que essas podem ser múltiplas, mutáveis, transitórias e contraditórias (Rosa, 2004; Lima, 2006; Souza, 2013; Santos, 2014; Zuzzi, 2016; Lima; Dinis, 2008; Vencel; Petrenas, 2019; Freitas; Souza, 2020; Vasconcelos; Ferreira, 2020).

Para Hall (2006), a identidade está em contínua construção, desconstrução e transformação e pode abarcar e intercruzar questões de gênero, sexualidade, religião, nacionalidade, raça, etnia, classe, entre outras. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 2006, p. 13).

O conceito de identidade pressupõe o de diferença, por estarem profundamente relacionados. Para Tomaz Tadeu da Silva (2000), essa relação entre identidade e diferença é muito íntima, pois “em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença” (p. 75-76).



Por fim, o último conceito que destaco é o de heteronormatividade. Ao discutir sexualidade, a ideia de heteronormatividade emerge para tratar da imposição social que considera as práticas heterossexuais como padrão e modelo a ser seguido. Ao estabelecer as relações heterossexuais como as únicas possíveis, qualquer outra configuração de sexualidade que desvie dessa norma é invisibilizada, apagada, silenciada e desrespeitada. A heteronormatividade aparece explicitamente nos textos de Rosa (2004), Lima (2006), Souza (2013), Santos (2014), Santos (2016), Garcia e Pereira (2015), Damacena, Soares e Silva (2017) e Souza, Jaeger e Goellner (2021).

Dentro desse debate, ao buscar o trato de questões de gênero e sexualidade nos registros das semanas de Educação Física promovidas pelas(os) professoras(es) da UFS, Santos (2016) não encontrou nenhuma menção ao tema, fazendo-o refletir que há

[...] falta de interesse e/ou silenciamento por parte dos (as) professores (as) (organizadores (as) do evento no DEF/UFS, em promover ou incentivar discussões das temáticas em questão, conseqüentemente, não produzem socialmente outras identidades e diferenças de gênero e sexuais nos (as) acadêmicos (as) e futuros (as) profissionais, permanecendo e reproduzindo a que já está estabelecida e aceita como padrão, a partir do que é concebido como heteronormatividade, que segrega os indivíduos em seus guetos biofisiológicos e sexuais na sociedade brasileira, corroborando com os discursos das Religiões, das Ciências Médicas e dos Magistrados, em que a divisão sexual e de gênero entre as pessoas deve ser mantida para o “bem” da nação (p. 177-178).

Para Santos (2014), essa heteronormatividade pode ser percebida, também, quando os cursos se propõem a tratar de gênero, mas não discutem a sexualidade, mantendo a hegemonia das práticas heterossexuais como padrão. Diante disso, o autor afirma que “ainda que se entenda que gênero e sexualidade sejam conceitos que se articulam, a referência somente a gênero pode denotar uma forma de ‘silenciamento’ que faz funcionar a heteronormatividade” (p. 82-83).

GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Em seguida, buscamos identificar como os cursos de formação de professoras(es) de Educação Física têm tratado, ou se realmente têm tratado, das questões de gênero e sexualidade em sua matriz curricular ou em práticas pedagógicas. Os trabalhos analisados trazem abordagens e metodologias distintas e ajudam na busca pela resposta dessa questão ao



apresentar análises de matrizes curriculares, entrevistas com estudantes e/ou professoras(es), além de estudos do tipo revisão bibliográfica.

Dentre os trabalhos que se propuseram a analisar a matriz curricular de algum curso de Educação Física, a conclusão mais frequente é de que as questões de gênero e sexualidade não têm aparecido nos cursos de forma clara e aprofundada (Santos, 2017; Freitas; Souza Junior, 2020; Santos, 2014; Santos, 2016; Bittencourt, 2019; Leite, 2020).

Ao analisar o currículo da Universidade do Estado do Mato Grosso, Santos (2014) constatou que, embora conste no estatuto da instituição que a Universidade deve promover ações que visem igualdade de gênero, etnia e credo, na prática, não houve registro de ações que buscassem discutir gênero e diversidade sexual. Enquanto no curso da Universidade Federal de Sergipe, Santos (2016) identificou que a temática sexualidade foi acrescentada na ementa da disciplina “Filosofia, educação e corpo” no ano de 2006, mas que não aparece em nenhum outro componente. Além disso, o autor também constata que questões de gênero não são citadas em nenhuma ementa, nem das disciplinas obrigatórias, nem das optativas.

Ao buscar discussões a respeito de gênero na Licenciatura em Educação Física na Universidade do Estado do Pará, Bittencourt (2019, p. 86) verificou que, no que concerne a este aspecto, o “PPP não faz nenhuma menção às relações hierarquizadas entre homens e mulheres, o que representa um silenciamento de lutas e proposições históricas contra estas desigualdades”.

A situação também é semelhante no Instituto Federal do Ceará (IFCE) – Campus Limoeiro, onde, segundo Leite (2020), as matrizes curriculares de 2011 e 2018 não trazem corpo e gênero em sua estrutura. Sem especificar a instituição pesquisada, Freitas e Souza Junior (2020) constataram que o Projeto Pedagógico do curso lócus da pesquisa trata das questões de diversidade cultural e social de forma tímida e sem grandes elaborações nos 24 componentes curriculares analisados. Destes, três mencionam gênero de alguma forma e em apenas um o termo sexualidade aparece. Por fim, concluem que não há aprofundamento ou direcionamento para tratar do assunto de forma interdisciplinar.

Na contramão dos achados apresentados anteriormente, apesar de não explicitar discussões sobre gênero e sexualidade nos componentes, Damacena Soares e Silva (2017)



julgaram satisfatória a abordagem trazida no PPC da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiana, ao tratar sobre corpo e cultura:

[...] o componente curricular de “Antropologia do Corpo” estuda racionalidades e experiências acerca do corpo na cultura contemporânea e tem como objetivo abordar as representações socioculturais sobre a dimensão do corpo e da saúde, também visa a conhecer as teorias antropológicas que abordam o corpo, a saúde e suas relações com a cultura (p. 800).

Apesar da avaliação positiva feita pelas(os) autoras(es) a respeito desse PPC, podemos notar que a abordagem de gênero e sexualidade dada não fica evidente, deixando aberto à interpretação de quem ministrar o componente mencionado se esses temas devem ou não ser incluídos ao se discutir o corpo na contemporaneidade.

Essa falta de explicitação foi observada com muita frequência nos estudos apresentados até aqui, o que reflete um dado preocupante, pois na grande maioria dos currículos analisados, gênero e sexualidade não chegam a ser mencionados. Dessa maneira, não há garantias de que essas discussões estejam presentes de fato na formação dessas(es) professoras(es) de Educação Física. Ocupar tais lacunas e espaços vazios é um movimento necessário para a construção e desconstrução da formação docente.

E quanto aos ditos, não ditos, por se dizer? Tememos que é justamente nesses interstícios entre um não-dito e outro sobre corpos-gêneros-sexualidades que devemos nos enveredar, mesmo que para isso seja necessário escoltá-las da formação inicial, uma a uma, até colocá-las em fila indiana e pô-las em uma verdadeira prova de fogo. Afinal, como essa trinca pode não apenas formar professores, mas também deformar? (Gurgel e Maknamara, 2020, p.389)

Além das análises das matrizes curriculares, alguns estudos mencionados a seguir também entrevistaram professoras(es) e alunas(os), alguns buscando suas opiniões a respeito da temática, outros investigando a avaliação que fazem a respeito da formação oferecida pelas instituições. No Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Lima (2006) questionou a duas turmas se as questões de diversidade sexual haviam sido tratadas durante a formação. Na turma de 2004, 48% nos entrevistados afirmaram que sim, já na turma de 2005, esse número foi de 65%.

Apesar da aparente ampliação da discussão dentro do currículo de formação da turma de 2005, fica a impressão de que a sexualidade enquanto construção histórica e social, com suas normas e resistências ainda não é mencionada nestes espaços de formação de professoras/es (p. 64).



Essa percepção é fortalecida quando consideramos que, ao serem questionados se a sexualidade foi discutida durante a graduação, 89% do total de entrevistados afirmaram que sim, tendo sido essa discussão promovida, principalmente, nas disciplinas de Ginástica Escolar, Aprendizagem Motora e Prática de Ensino, indicando assim que as discussões realizadas possuem caráter predominantemente biológico.

Na Universidade Federal de Sergipe, Santos (2016) entrevistou professoras(es) e alunas(os). Quando indagados se havia discussão sobre gênero ou sexualidade nas disciplinas, as(os) professoras(es) responderam que o tema era tratado de forma transversal. De acordo com os depoimentos das(os) alunas(os), as discussões sobre gênero e sexualidade no curso aconteceram basicamente em dois componentes, sendo elas: “Filosofia, Educação e Corpo” e “Educação Física Escolar I”, mas sem aprofundamento. As(os) estudantes avaliaram que o debate é insuficiente, pois não trata de identidades e diferenças, focando apenas em questões de ordem puramente biológicas ou fisiológicas.

Também ao buscar percepções de estudantes, Gatti (2017) identificou que os estagiários do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência na Universidade Estadual de Maringá tinham dificuldades de abordar gênero e sexualidade em suas intervenções. Para ela, essa dificuldade é proveniente de uma carência na formação inicial. A autora afirma:

As principais dificuldades e desafios para se discutir gênero, sexualidade e diversidade sexual estão na própria formação dos/as professores/as, no caso da UEM ainda identificamos que alguns/mas professores/as abordam o assunto de forma pontual conforme os relatos dos/as pibidianos/as, entretanto não há uma disciplina obrigatória, apenas uma disciplina optativa que foi ofertada uma única vez, em 2015, sendo semestral (Gatti, 2017, p. 97).

No IFCE – Campus Limoeiro do Norte, quanto às discussões sobre o Gênero, os discentes afirmaram que não se sentem preparados para discutir a temática por não terem tido uma formação que lhes possibilitasse aprender mais sobre o tema (Leite, 2020). Em uma universidade particular em Juiz de Fora, estudantes entrevistados por Souza (2013) também demonstraram certo descontentamento com o tratamento que o curso dava às discussões de gênero e sexualidade, pois afirmaram que havia distanciamento entre a teoria e a prática pedagógica.

A insatisfação das(os) estudantes também aparece na fala dos entrevistados por Vasconcelos e Ferreira (2020), em que, apesar de todos os sujeitos da pesquisa terem afirmado

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-24, e-rte331202458, 2024.



que concepções de gênero e sexualidade foram tratadas em alguma disciplina do curso, dos 12 graduandos entrevistados, apenas dois afirmaram se sentir totalmente preparados para abordar essas temáticas em sala de aula. Relatos semelhantes foram encontrados por Andres, Jaeger e Goellner (2016) entre os bolsistas do PIBID da Universidade Federal de Santa Maria, onde alguns estudantes relataram dificuldade para tratar do assunto quando o tema surge em aula. Apesar de reconhecerem a importância da temática, não se sentem preparados.

Diante da dificuldade que as instituições aparentam estar tendo para preparar os(as) futuros(as) professores(as) de Educação Física, é importante analisarmos as indicações que os trabalhos trazem em busca de superar essa realidade. Por isso essa questão será tratada na próxima seção. Mas antes, é preciso mencionar um outro ponto preocupante que surgiu inesperadamente ao realizar a análise do material: situações de violência e discriminação que acontecem nos campus universitários e que foram relatadas pelas(os) entrevistadas(os). Situações de sexismo, homofobia e assédio foram relatadas e escancararam a urgência de se incluírem debates de gênero e sexualidade nos cursos de formação de professores(as) de Educação Física, já que, se não forem superadas, a tendência é que o comportamento seja reproduzido quando esses professores em formação passem a atuar na educação básica.

A homofobia velada ou em tom de piadas e brincadeiras entre as(os) estudantes aparece nos estudos de Rosa (2004) e de Santos (2014), que ouviram relatos sobre como um professor homossexual era imitado em tom de chacota. Bittencourt (2019) traz relatos sobre piadas sexistas e menosprezo a estudantes por serem mulheres, partindo tanto de professores quanto de alunos, além da falta de suporte a uma estudante que ficou grávida durante o curso e Zuzzi (2016) relata uma situação de discriminação de gênero de um aluno contra uma aluna no curso de graduação em Educação Física. Garcia e Pereira (2021) descrevem esse movimento de produção e reprodução de preconceitos e atitudes discriminatórias como um ciclo vicioso, em que, na escola, a pessoa vive essas situações de exclusão, na formação de professores nada muda e quando retorna à educação básica, agora como docente, continua reproduzindo esses comportamentos.

CAMINHOS PARA A SUPERAÇÃO



Para que não se faça a crítica pela crítica, buscamos nos trabalhos indicações de possíveis propostas que auxiliem na superação do paradigma encontrado. Nem todos os trabalhos apresentaram proposições diretas, mas pudemos identificar algumas sugestões e direcionamentos, sobretudo a partir das falas de professoras(es) e estudantes entrevistadas(os). Já que a heteronormatividade, o sexismo, o machismo e os preconceitos são construídos social e culturalmente, eles são passíveis de desconstrução. Dessa maneira, desconstruir passa a ser o termo central nas discussões de gênero e sexualidade na formação de professoras(es).

Para que essa desconstrução aconteça, no entanto, é preciso que o assunto seja abordado, que haja discussão, debates e questionamentos constantes. É preciso que esses temas apareçam nos espaços de formação com frequência, de forma sistemática e organizada. Para Neves (2014, p. 84): “[...] o silêncio em relação às diversidades sexuais abre poucas possibilidades desse tema ser mencionado e previsto nessas diferentes articulações, nos planejamentos semestrais e nos planos de aulas”. A respeito dessa ausência das questões de gênero e sexualidade nas matrizes curriculares, entendemos que é preciso garantir que essa temática seja citada de forma clara e explícita nos planos de curso e ementas, para que a discussão seja garantida, independente do(a) professor(a) que ministrar o componente. Afinal, como afirma Gatti (2017), “não podemos ficar apenas na afinidade pessoal caso tenhamos o objetivo de formar pessoas emancipadas, críticas, logo sem preconceitos” (p. 96).

Visando garantir que essas questões não fiquem restritas a um único componente de forma pontual e que sejam incluídas no curso como um todo de forma transversal, Silva (2008) propõe que se discuta inclusão, diversidade e aprendizagem de grupos minoritários em todas as disciplinas de caráter teórico, independente de quem a ministre. Além de sugerir que as(os) professoras(es) conversem entre si nas reuniões pedagógicas e compartilhem estratégias de abordagem da temática. A fim de que haja tal mobilização do corpo docente, Souza (2013) afirma que é preciso sensibilizar os professores na graduação para as questões de gênero e sexualidade, para que eles possam propiciar aos sujeitos em formação momentos de problematização. Portanto, ações de formação continuada precisam incluir também a formação de professoras(es) do ensino superior, não apenas da Educação Básica.

Além das matrizes curriculares, muitas(os) estudantes se queixaram do distanciamento entre teoria e prática que vivenciam nos cursos de formação e que, com isso, não se sentem



preparados para a atuação profissional. Essas constatações apareceram nos trabalhos de Lima e Dinis (2008), Andres, Jaeger e Goellner (2015), Freitas e Souza Junior (2020), Vasconcelos e Ferreira (2020), Santos (2016) e Bittencourt (2019).

Propostas de superação dessa problemática aparecem nos trabalhos de Freitas e Souza Junior (2020), Souza (2013) e Santos (2014), quando estas(es) descrevem a aproximação da universidade com a escola através dos estágios, seja nos componentes curriculares obrigatórios, ou em programas específicos, como o PIBID. A respeito desse potencial transformador de práticas que o estágio traz, Souza (2013, p. 74) afirma que “A experiência permite provar de algo, experimentar daquilo que o atinge [...] Pela experiência me curvo, derrubo-me para alcançar um novo equilíbrio, torno-me receptivo para assim ser transformado”.

Além disso, Souza (2013) também afirma que o estágio é muito importante, pois ele não impacta apenas o estagiário, mas também o(a) professor(a) da disciplina, o(a) supervisor(a) da escola e os(as) estudantes. “Os professores observados estão sendo constituídos pelos discursos e observações dos estagiários. As escolas e os alunos também estão nesse processo” (p. 94). Dessa maneira, ao trabalhar questões de gênero e sexualidade nas ações de estágio, provoca-se o debate tanto nas universidades quanto nas escolas, instigando questionamentos em diversos níveis de ensino, se aproximando, assim, da quebra do ciclo de reprodução de violências.

POR ORA, ALGUMAS CONCLUSÕES

O levantamento realizado até aqui permitiu identificar a escassez nas produções acadêmicas a respeito das questões de gênero e sexualidade na formação de professores de Educação Física, fator que demonstra a carência de discussões sobre essa temática. Essa carência está relacionada à falta de debates relacionados a gênero e sexualidade nos cursos de licenciatura em Educação Física no Brasil. Realidade que pôde ser observada nos trabalhos analisados, nos quais notamos que a grande maioria dos cursos não trata dessas questões de maneira explícita em seus PPC's, levando à insegurança e despreparo por parte das(os) professoras(es) em formação. Apesar de terem demonstrado, em sua maioria, compreender a importância dessa temática na própria formação, muitas(os) estudantes relataram não se



sentirem preparadas(os) para tratar, discutir e problematizar essas questões nas escolas. Isso evidencia uma lacuna na formação de professores de Educação Física que precisa ser levada em consideração.

Além disso, diante dos relatos de homofobia, sexismo, transfobia e outras violências que aconteceram dentro do próprio espaço de formação de professoras(es), faz-se necessário buscar a construção de um ambiente livre de discriminação e preconceito, para quebrar o ciclo de abuso que permeia os mais variados espaços de formação – desde a escola básica, até a pós-graduação. Para isso, é preciso que professoras(es) e alunas(os) da formação inicial não reproduzam esses comportamentos. Enquanto espaços de corpos, vivências e experiências plurais, as instituições de ensino de todos os níveis, bem como todos os indivíduos que as compõem, devem estar preparadas(os) para oferecer um ambiente acolhedor e propício para o aprendizado. Para tal, as(os) professoras(es) precisam receber a formação adequada que as(os) sensibilize e prepare, desde a formação inicial.

A garantia dessa formação só será possível se os cursos de licenciatura passarem a mencionar explicitamente em seus documentos estruturantes a necessidade de se discutir gênero e sexualidade sob uma perspectiva que considere as múltiplas identidades, e que não se restrinja a fatores biológicos, seja em componentes curriculares específicos ou de maneira transversal. Essa necessidade de explicitação foi percebida, ao notar-se que os cursos que traziam alguma discussão a respeito de gênero e/ou sexualidade o faziam graças à ação individual de algum(a) professor(a) que tinha afinidade com o tema, e não por exigência da instituição. Dessa maneira, em caso de afastamento da(o) docente, a discussão cessaria.

Portanto, diante do reconhecimento da necessidade de se abordarem esses pontos na formação inicial, algumas(uns) autoras(es) sugeriram ações para garantir que essa formação aconteça, sendo elas: o diálogo entre professoras(es) do curso para que, assim, haja unidade e colaboração mútua na busca de ações e intervenções que propiciem esses debates; e a aproximação das discussões que acontecem na universidade com as escolas, através dos estágios e dos programas de ensino/extensão, propiciando, assim, mais segurança e confiança às(aos) professoras(es) em formação.

REFERÊNCIAS



ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ALTMANN, Helena; JACO, Juliana Fagundes. Educação Física Escolar e Gênero: Influências de fora da escola na participação em aulas. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, vol. 26, n.51, p. 19-35, Jan-Abr. 2016.

ANDRES, Suélen de Souza; JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (UFSM). **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, p. 167-179, 2015.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BITTENCOURT, Daniella Rocha. **Relação de gênero na formação de professores(as) de educação física: entre o Binarismo e a Equidade**. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Do Estado do Pará, Belém, 2019.

BRACHT, Valter. A educação física no ensino fundamental. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO–PERSPECTIVAS ATUAIS, 2010. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2010.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus Editora, 1988.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elizabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

CORREIA, Marcos Miranda; DEVIDE, Fabiano Pires; MURAD, Mauricio. Discurso da licenciatura em Educação Física sobre as questões de gênero na formação profissional em Educação Física. In: DEVIDE, Fabiano Pires. **Estudos de gênero na educação física e no esporte**. Curitiba: Appris, 2017. p. 17-48.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais. **Educ. Teoria Prática**, v.24, n. 45, p. 57-75, 2014.

DAMACENA, Carla Adriane Marcelino; SOARES, Emerson de Lima Soares; SILVA, Fabiane Ferreira da. Corpo, gênero, sexualidade, raça e etnia nos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Pampa. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 12, n. 3, p. 783-806, set./dez. 2017. Disponível em:
<https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/5571>. Acesso em: 21 jul. 2023.



DORNELLES, Priscila Gomes. Do corpo que distingue meninos e meninas na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 32, p. 187-198, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/rmssCPOFnQ4ZGpFkkG9M4jx/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2023.

DUARTE, Gustavo de Oliveira; CASTRO, Felipe Barroso de; NASCIMENTO, Thaianie Bonaldo do. Gênero, sexualidade e formação em Educação Física: percepções de professores e alunos em um projeto na escola. **Educación Física y Ciencia**, v. 23, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S2314-25612021000100161&script=sci_arttext. Acesso em: 21 jul. 2023.

EVANGELISTA, Kelly Cristiny Martins; BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. As relações de gênero no corpo: olhares de estudantes de licenciatura em Educação Física. **Inter-Acao**, v. 42, n. 3, p. 692-709, 2017. Disponível em: https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_aeeb31a4c197f79ad644eb51c6926750. Acesso em: 21 jul. 2023.

FRANCO, Neil. A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 47-66, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n47p47>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FREITAS, Milena de Bem Zavarella; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. Gênero, sexualidade e educação física: formação e prática docente. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 4, n. 3, p. 217-230, 2020. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/wmrizkg3a5c2boemya2kyrhibe/access/wayback/http://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/download/2594-6463.2020.v4.n3.p217-230/pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023.

GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Masculinidades e a formação de professores/as de Educação Física na EEFD/UFRJ. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 18, n. 1, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8637340>. Acesso em: 21 jul. 2023.

GATTI, Brenda Zarelli. **PIBID de Educação Física/UEM: gênero em debate na formação de professoras/es**. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá-PR, Maringá, 2017.

GURGEL, Evanilson; MAKNAMARA, Marlécio. Que podem corpos, gêneros e sexualidades nas pesquisas com formação de professores? **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 47, p. 372-395, 2020.



LEITE, Marcelo Alencar. **Corpo e gênero no curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE, campus Limoeiro do Norte**: discussão sobre o processo formativo dos discentes. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró-RN, 2020.

LIMA, Francis Madlener de. **O discurso da homossexualidade no universo escolar**: um estudo no curso de licenciatura em Educação Física. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

LIMA, Francis Madlener de; DINIS, Nilson Fernandes. O discurso sobre a homossexualidade na visão de estudantes de Educação Física. **Perspectiva**, v. 26, n. 2, p. 693-716, 2008.

Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-54732008000200011&script=sci_abstract .

Acesso em: 21 jul. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MATOS, Naiara da Rocha; BRASILEIRO, Geisa Silva; ROCHA, Rodolfo Teixeira; CAVALCANTE NETO, Jorge Lopes. Discussão de gênero nas aulas de Educação física: uma revisão sistemática. **Motrivivência** v. 28, n. 47, p. 261-277, maio/2016. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Jorge-Cavalcante-Neto/publication/303566223_Discussao_de_genero_nas_aulas_de_Educacao_Fisica_uma_revisao_sistemtica/links/5748b3d008ae5c51e29e6a7f/Discussao-de-genero-nas-aulas-de-Educacao-Fisica-uma-revisao-sistemtica.pdf .

Acesso em: 21 jul. 2023.

MONTEIRO, Marcos Vinicius Pereira. A construção identitária nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, p. 339-359, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/P9d5L9MzTjN3kqvOCs3b6vc/?format=html&lang=pt> .

Acesso em: 21 jul. 2023.

PRADO, Vagner Matias. Entre queerpos e discursos: normalização de condutas, homossexualidades e homofobia nas práticas escolares da Educação Física. **Práxis Educativa (Brasil)**, v. 12, n. 2, p. 501-519, 2017. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-43092017000200501&script=sci_abstract .

Acesso em: 21 jul. 2023.

PRADO, Vagner Matias; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Escola, homossexualidades e homofobia: rememorando experiências na educação física escolar. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 97-114, 2016. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1982-99492016000100097&script=sci_abstract .

Acesso em: 21 jul. 2023.

ROCHA MATOS, Naiara *et al.* Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 261-277, 2016. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Jorge-Cavalcante-Neto/publication/303566223_Discussao_de_genero_nas_aulas_de_Educacao_Fisica_uma_revisao_sistemtica/links/5748b3d008ae5c51e29e6a7f/Discussao-de-genero-nas-aulas-de-Educacao-Fisica-uma-revisao-sistemtica.pdf .



[o de genero nas aulas de Educacao Fisica uma revisao sistematica/links/5748b3d008ae5c51e29e6a7f/Discussao-de-genero-nas-aulas-de-Educacao-Fisica-uma-revisao-sistematica.pdf](https://www.revistas.ufpb.br/revista/10.22478/ufpb.2359-7003.2024v33n1.69650)

. Acesso em: 21 jul. 2023.

ROSA, Marcelo Victor da *et al.* **Educação física e homossexualidade**: investigando as representações sociais dos estudantes do centro de desportos/UFSC. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SABATEL, Glenda Macedônia Gutierrez *et al.* Gênero e Sexualidade na Educação Física Escolar: Um Balanço da produção de artigos científicos no período entre 2004-2014 nas Bases do Lilacs e Scielo. **Pensar a prática**, v. 19, n. 1, p. 196-208, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/download/34159/pdf/0>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SANTOS, Luciano Rodrigues dos. Gênero, educação em sexualidade e formação docente: descortinando o curso de educação física da Universidade Federal de Sergipe. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 7, n. 2, p. 284-285, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/2356>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SANTOS, Luciano Rodrigues dos. **Gênero, educação em sexualidade e formação docente**: descortinando o curso de educação física da Universidade Federal de Sergipe. 255 f. Tese (Doutorado em Educação) – Fundação Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2016.

SANTOS, Luciene Neves. **Currículo de licenciatura em educação física e políticas educacionais de gênero e de diversidade sexual**: articulações (im)possíveis. 161 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SILVA, Lucilene Gomes da. **Mulher - esporte- emancipação**: discurso de professores e acadêmicos do curso de educação física da UNIRG-TO. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba-SP, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 52-68, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM855MZYhYvgb/>. Acesso em: 21 jul. 2023.



SOUZA, Denis Mauro Rodrigues de. **Professores de Educação Física em questão** – corpo, relações de gênero e sexualidades. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz De Fora, Juiz de Fora-MG, 2013.

VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lílian Aparecida. A formação de futur@s professor@s de Educação Física: reflexões sobre gênero e sexualidade. **Educação em Revista**, v. 36, p. 1-17, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/nhzvnNmtMP7L6wYRcC4Dh8B/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

VENCEL, Maria Salete Zufelato; PETRENAS, Rita de Cássia. Sexualidade e gênero nos cursos de formação docente: utilizando a oficina enquanto recurso didático. **Olhar de Professor**, v. 20, n. 2, p. 1-12, 2017. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/684/68460124009/html/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione; DORNELLES, Priscila Gomes. **Educação física e sexualidade**: desafios educacionais . Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2017.

ZUZZI, Renata Pascoti. **Gênero na formação de professores/as de Educação Física**: da escolha à atuação profissional. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2016.

SOBRE A AUTORIA:

[*] Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana e Mestre em Educação Científica, Inclusão e Diversidade pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Professora da rede básica de ensino do estado da Bahia – ORCID

<https://orcid.org/0000-0001-5486-0872> - e-mail aila_valadares@hotmail.com

[**] Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Professora do Quadro Permanente do Programa de Pós Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas da UFBA – ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2896-5616> - e-mail tatianalima@ufrb.edu.br

Submetido em: 15 de março de 2024.

Aprovado em: Junho de 2024.

Publicado em: Setembro de 2024.